



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE AMAMBAI
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

MIRYAM ALINE FERNANDES

**UMBANDA E COVID19: RESISTINDO A PANDEMIA A PARTIR DO CULTO AO
ORIXÁ OBALUAIÊ.**

Amambai-MS

2022



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL UNIDADE
UNIVERSITÁRIA DE AMAMBAI
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

MIRYAM ALINE FERNANDES

**UMBANDA E COVID 19: RESISTINDO A PANDEMIA A PARTIR DO CULTO AO
ORIXÁ OBALUAIÊ.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação de Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS (Unidade Universitária de Amambai), como requisito para titulação de graduada em Ciências Sociais. Orientado pela Profa. Dra. Monique Francielle Castilho Vargas.

Amambai-MS

2022

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a espiritualidade, aos meus orixás, que abriram caminhos e me deram forças neste processo de graduação. Agradeço à minha família que me apoiou na loucura de mudar de Estado para realizar o curso de Ciências Sociais. Agradeço meus pais por terem aguentado minhas vídeos chamadas e por terem me dado broncas quando necessário.

Agradeço meus professores e meus amigos, que me acolheram em Amambai-MS, e me ajudaram nos momentos difíceis.

Durante o processo de escrita, agradeço minha orientadora, Monique Francielle Castilho Vargas, que não me acompanhou durante todos os anos da graduação, porém topou me orientar nessa reta final, teve muita paciência, para aguentar os momentos em que eu quis desistir e acima de tudo me ajudou na compreensão do meu tema. Dentro deste processo agradeço a todos os líderes umbandistas que aceitaram responder os questionários.

Agradeço a todos que de alguma forma marcaram minha vida durante o processo de graduação.

Resumo: Este artigo apresenta uma breve contextualização sobre a formação da Umbanda. E através de uma um questionário realizado via *Google Forms*, com alguns líderes umbandistas, uma entrevista com o Santuário Nacional da Umbanda e minha vivência como partícipe umbandista. Buscamos compreender os desafios enfrentados pelos umbandistas durante a pandemia causada pelo coronavírus. Além de abordar a importância da espiritualidade para os umbandistas e a compreensão do processo de doença e cura através da energia do Orixá Obaluaiê.

Palavras-chave: Umbanda; Covid-19; Obaluaiê; Pandemia

Introdução

Dentro dos últimos três anos, vivemos em solo mundial e brasileiro, a pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, também conhecido como um coronavírus. Segundo o site do Governo brasileiro¹, a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda, com uma alta capacidade de transmissão, algo que possibilitou o grande número de infectados. As formas de prevenir o contágio, eram através do uso de máscaras, distanciamento social, utilização de álcool em gel e entre outras formas de profilaxias. No Brasil o número de contaminados e de mortes foram muitos altos, chegando a atingir mais de 690.000(seiscentas mil)² mortes. Muitas destas mortes foram ocasionadas pela negligência do governo de Jair Messias Bolsonaro e sua equipe. Segundo o artigo produzido pelos autores, Carla Montuori Fernandes (pós-doutora em Comunicação Política pela Universidade de Valladolid), Luiz Ademir de Oliveira (Pós-Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora) , Mayra Coimbra(Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora) e Mariane Motta de Campos (Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista), *“A pós-verdade em tempos de Covid-19: o negacionismo no discurso do governo no Instagram”* (2020):

Durante a pandemia do novo coronavírus, Bolsonaro tem adotado uma postura contrária às recomendações dos médicos e da Organização Mundial da Saúde (OMS), em especial antagonizando os governadores e prefeitos sobre as políticas de isolamento e investindo na recomendação de medicamentos que são questionados pela ciência como eficazes no tratamento da doença. Diante da recusa em aceitar as recomendações de especialistas, como foi mencionado,

¹ <https://www.tensp.org/historia> - Conheça a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, fundada por Zélio Fernandino de Moraes.

² <http://mandaladosorixas.blogspot.com/>

dois ministros da Saúde do governo foram trocados. Em algumas circunstâncias, Bolsonaro promoveu e compartilhou conteúdos falsos sobre o novo coronavírus nas redes sociais, sempre apoiado em uma narrativa que caminha na contramão da ciência. (FERNANDES; OLIVEIRA; COIMBRA; CAMPOS. 2020 p.3,4)

Nota-se que o ex-presidente, foi contra a ciência, responsável um ministério da saúde, instável em plena crise sanitária, atrasou o processo de compra das vacinas e ainda compartilhou conteúdos falsos sobre a COVID-19 em suas redes sociais, incentivando seus seguidores a não seguirem as orientações da OMS.

É neste contexto, que surge o interesse em compreender como as religiões afro-brasileiras resistiram à pandemia da Covid-19. Partindo do pressuposto de que as religiões é “uma coisa eminentemente social” assim como afirma Durkheim (1978), as religiões são compostas por um grupo de sujeitos, que compartilham de uma crença e de um espaço. A partir desta perspectiva de Durkheim sobre religião, compreendemos que a religião afro-brasileira, é eminente da sociedade e é formada por um número de pessoas que frequentam o mesmo espaço, e em seus rituais utilizam do contato físico. Sendo assim diretamente afetadas pelas restrições ocasionadas pela pandemia, assim como diversas instâncias da sociedade.

O início da pesquisa surgiu com a vontade de entender como os terreiros de Umbanda enfrentaram a pandemia e se houve um apoio por parte das prefeituras e do estado, isso durante uma breve pesquisa realizada para um trabalho em antropologia contemporânea no ano de 2021. Este trabalho envolveu uma pesquisa que foi enviada via facebook e whatsapp, para alguns líderes espirituais umbandistas, meu pai por ser um líder umbandista, me ajudou na divulgação deste questionário. Era um questionário feito através da plataforma google forms.

Mas, minha relação com a Umbanda está além da minha vivência acadêmica, fui criada em terreiro, sou filha carnal de dois líderes religiosos, minha mãe Zilda Dias Fernandes e meu pai, Evandro Cesar de Oliveira Fernandes. Ambos são líderes da *Tenda de Umbanda Pai Joaquim D'Angola e Exú Tiriri*, que também é conhecida como Instituto Cultural Confraria dos Pretos Velhos de Umbanda. Eu em companhia de meu irmão, crescemos dentro do terreiro, que se encontra na cidade de Limeira, estado de São Paulo. Cresci vendo a luta de meus pais para a valorização da religião, aprendi muito com as lições sobre caridade, fé e amor.

Meu pai nunca se negou a lutar contra a intolerância religiosa e sempre buscou espaços onde sua voz pudesse ser ouvida, ocupando câmaras municipais, estaduais,

escolas, prefeituras e entre outros espaços. Combatendo a intolerância com o conhecimento. Minha mãe, mulher forte e de grande sabedoria, sempre que possível acompanhava meu pai, juntamente com seus/suas filhos/as de santo na luta. Uma mulher que não se nega a ouvir e prestar ajuda. Fui criada dentro deste contexto e foi com eles que aprendi a respeitar o diferente e a lutar pelos meus direitos.

Quando me mudei para Amambaí-MS, busquei por uma tenda de Umbanda, para poder expressar minha fé. Nesta cidade do interior do estado do Mato Grosso do Sul, existem o total de três terreiros de Umbanda, e foi na Tenda Espírita de Umbanda Luz de Aruanda do Renascer (TEULAR), que fui acolhida e recebi orientações das entidades durante estes quatro anos de graduação.

Foi através da minha vivência na Umbanda e algumas conversas realizadas com amigos, professores e a orientadora, que escolhi o tema, que de maneira geral, busca apresentar um breve histórico da formação da Umbanda, o contexto desta religiosidade frente o vírus da Covid-19 e o culto ao orixá Obaluaiê.

A importância de falar sobre o orixá Obaluaiê, neste artigo, é que para o povo praticante das religiões afro-brasileiras, Obaluaiê é a divindade da cura e da doença, é a força da natureza representada pela terra, uma grande divindade que para os partícipes umbandistas, auxilia na compreensão sobre a doença e sobre a cura.

A Umbanda e seu histórico de formação

Iniciando a discussão, acreditamos ser importante contextualizar a formação das religiões afro-brasileiras, através da concepção apresentada dentro de uma perspectiva religiosa do diretor da faculdade de Teologia de Umbanda e sacerdotes das religiões afro-brasileiras, Rivas Neto. Em seu livro *“Escolas das Religiões Afro-Brasileiras”*, Rivas Neto diz:

[...] as religiões afro-brasileiras têm maior adesão à matriz ameríndia e à matriz africana. As religiões Afro-brasileiras respeitam e conciliam os fundamentos cristãos (kardecismo e catolicismo) e os não cristãos (cultos africanos e indígenas). (RIVAS NETO, 2012, p.98).

Nota-se que as religiões afro-brasileiras, foram formadas durante o período colonial, contexto em que houve o tráfico de africanos, escravidão de povos indígenas e africanos, que tinham uma cosmogonia (religiosidade) particular. Evento histórico que foi assunto central da obra *Casa Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freyre, que mostra o processo de miscigenação. Não podemos deixar de enfatizar que o processo

de colonização foi extremamente violento, retirando a humanidade de povos africanos e indígenas, transformados em mão-de-obra escrava.

Rivas Neto compreende que as religiões afro-brasileiras têm como método estabelecer diálogos entre Religião, Filosofia, Ciência e Arte, possuindo uma espécie de diálogo

interdisciplinar. Este diálogo permite com que as religiões afro-brasileiras acreditem na espiritualidade e também apoiem a ciência. Além de Rivas Neto, existem outros grandes autores que compõem uma vasta literatura umbandista, como Diamantino Trindade, Rubens Saraceni, Ronaldo Linares, Alexandre Cumino, entre muitos outros.

Após esta breve contextualização sobre o que seria religiões afro-brasileiras, vamos falar sobre Umbanda, religião que compõem o grupo de religiões afro-brasileiras. A Umbanda é uma das religiões mais populares do Brasil, existindo também em território internacional. A Umbanda possui como fundamento a prática da caridade e, segundo o filósofo José Francisco Miguel Henriques Bairrão e o psicólogo Fábio Ricardo Leme (2003), o termo Umbanda servia na cultura banto para designar aquele que curava, o curandeiro, cuja função era tratar dos males da comunidade seguindo os conhecimentos de sua tradição.

Oficialmente a Umbanda foi fundada no dia 15 de novembro de 1908, no Rio de Janeiro, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestado no médium Zélio Fernandino de Moraes³ Um jovem branco de classe média. Assim como sancionou a Lei 12.644 de 17 de maio de 2012, que reconhece o dia 15 de novembro como o Dia Nacional da Umbanda. Dentro das discussões acadêmicas será encontrada duas visões: A que afirma, que Zélio Fernandino de Moraes foi o fundador da Umbanda e

³ - A partir disto, cinco páginas receberam destaque: “Umbanda, eu curto”, seguida por mais de 300 mil usuários, com postagens variadas entre vídeos, fotos e postagens de texto; “Reino de Oxaguiã”, que por sua vez reúne diversos tipos de conteúdo relacionado às religiões de matrizes africanas e possui mais de 146 mil inscritos; “Umbanda livre”, “Universo do Candomblé” possuem cada uma, mais de 110 mil seguidores e variados materiais de mídias supracitadas. Já os vídeos das lideranças foram encontrados por meio de um sistema busca do *Facebook* em que foi selecionada a opção conteúdo “vídeo” juntamente às palavras chaves: “Umbanda; pandemia”; “Candomblé”; “religião afro e pandemia”. Priorizou-se vídeos que tivessem, pelo menos cinco comentários nas publicações para verificar a interação daqueles/as que acompanham os conteúdos dos sacerdotes, são eles: Rafael de Erinlé, Babalorixá no Ilê Asê Opô Erinlê, localizado na cidade do Rio de Janeiro-RJ; A Yalorixá Omi Lade, líder do terreiro Ègbé N’la Yemoja, em São Paulo; a Ialorixá Márcia D’Obaluayé, do Ilê Asê ni Oyá, na cidade do Rio de Janeiro, que também é popularmente conhecida como Mãe Márcia Marçal; Cláudio D’Oxalá, Sacerdote Umbandista do ATUPO - Templo de Umbanda Pai Oxalá, em Braga, Portugal e, por fim, Mãe Fabiana Carvalho, Sacerdotisa de Umbanda do Templo Umbanda Jacira das Águas, localizado em Santos. (LARGES e SCOTTON, 2021 p. 266).

a que considera a narrativa de fundação da Umbanda como um mito, objetivando legitimar a Umbanda para a sociedade, para ser aceita por brancos/as. Na busca por compreender ambas as narrativas, encontrei alguns autores como Mário Sá e Diamantino Trindade. Mario Teixeira Sá Júnior, é doutor em História, pesquisador das religiões afro-brasileiras em seu artigo *A Invenção Do Brasil No Mito Fundador Da Umbanda*, o autor relaciona a construção do Brasil, durante o século XX e sua influência para o mito fundador da Umbanda, apresentando o seguinte argumento:

É sob essa perspectiva, onde o mito surge como portador de marcas, representações de conflitos reais não solucionados, que me proponho a analisar o mito de fundação da Umbanda, percebendo que a sua construção esteve inserida em uma realidade histórica brasileira da passagem do Império à República. Nela, a mudança do modelo social, de escravista para livre, sinalizada desde o Primeiro Império, trazia a premissa de novas lógicas explicativas e definidoras do papel de cada grupo social, central ou marginal, como no caso do negro, da nova realidade (SÁ JÚNIOR, 2012 p.2).

Sá Júnior, vai fazer uma análise do Brasil, neste processo de mudança e de construção de uma nação. Construção cuja qual visualizava o branco assumindo o papel de protagonista, enquanto negros e indígenas passavam a ser coadjuvantes. O autor vai desenvolver sua análise a partir de uma obra produzida por Rubens Saraceni, *Os Decanos: os fundadores, mestres e pioneiros da Umbanda* (2000). Saraceni vai relatar em sua obra a trajetória de Zélio Fernandino de Moraes e a fundação da Umbanda. Sá Junior, em sua análise apresenta a ideia de que a Umbanda já existia antes de Zélio, conhecida como Macumba, para ele, o mito de fundação “*busca dizer que ela não é de origem humilde ou negra, não é doente, não é demoníaca e não é baixo espiritismo*” (SÁ JUNIOR, 2012 p.12).

Em contrapartida, temos a análise de Diamantino Trindade, graduado em química, doutor em educação e dirigente espiritual umbandista, que juntamente com o médium, Alúisio Berezowsky, mestre em direito, produziram um texto em formato de debate referente a fundação da Umbanda, que está publicado no blog Mandala dos Orixás⁴. No Debate “*As Origens Da Umbanda: O Seu Mito De Fundação e o Seu Processo de Embranquecimento*”, é possível identificar que para Trindade, a Umbanda foi fundada por Zélio Fernandino de Moraes e foi construída através das

⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/11/exu-corona-e-terreiro-queimado-escancaram-intolerancia-religiosa-na-pandemia.shtml>

influências do branco europeu, de povos indígenas e africanos. Para o autor e muitos praticantes da Umbanda, Zélio, o menino de 17 anos, de classe média, foi o fundador da Umbanda.

Todavia, Trindade reconhece que já existiam manifestações e utilização dos elementos, que hoje encontramos na Umbanda, antes de Zélio Fernandino de Moraes. Mas, ele reforça que o trabalho umbandista, nos moldes em que conhecemos, é algo que surgiu através do médium Zélio. Uma crítica importante, levantada por Trindade, é que a discussão não deveria ser sobre o embranquecimento da Umbanda, mas sim sobre o processo de embranquecimento da Macumba. Pois, segundo ele, a Umbanda nasceu em um contexto branco, levando em conta que o fato de Zélio Fernandino de Moraes, ser um homem branco, cristão e da classe média brasileira influenciou na construção da Umbanda.

Desenvolvendo esta pesquisa para compreender as origens da Umbanda, percebemos que ambas as linhas de pensamento possuem questões que são válidas a serem colocadas em discussão. Acredito ser importante o questionamento sobre a existência de cultos semelhantes ao da Umbanda, antes de Zélio Fernandino de Moraes, porém vejo a importância de Zélio de Moraes para a religião. Pois, foi através desta estruturação que a Umbanda conseguiu estabelecer seus fundamentos e tornar a religião afro-brasileira mais popular do Brasil.

Pesquisar religiões e religiosidades sejam afro-brasileiras ou não é extremamente complexo. Na busca pela tentativa de compreender o processo de fundação da Umbanda, não podemos levar em conta somente a visão material, tendo em vista que para seus partícipes as questões do plano espiritual também influenciam na formação da doutrina umbandista.

No livro *Iniciação a Umbanda*, escrito por Ronaldo Linares, Diamantino Trindade e Wagner Costa. Se é escrita uma grande análise dos autores sobre a história de formação da Umbanda e como ele se desenvolveu conforme o tempo. logo no início do livro, no capítulo "Zélio de Moraes e A tenda Nossa Senhora da Piedade", é relatado o primeiro trabalho espiritual, realizado na Tenda Nossa Senhora da Piedade, e neste capítulo encontramos o seguinte trecho.

No final dessa reunião, o caboclo ditou certas normas para a sequência dos trabalhos, inclusive atendimento gratuito, uso de roupas brancas, sem o uso de atabaque, nem palmas ritmadas, sendo os cânticos baixos e harmoniosos. A esse tipo de culto que se estruturava nesta noite, ele denominou de Umbanda, que seria a manifestação do espírito para a caridade. Posteriormente, reafirmou a Leal de Souza que Umbanda era uma linha de

demanda para a caridade. Deve-se ressaltar que inicialmente o caboclo chamou o novo culto de Alabanda, mas, considerando que não soava bem a sua vibração, substituiu-a por Aumbanda, ou seja, Umbanda. (LINARES; TRINDADE, COSTA. 2017 p.24)

Nota-se que no trecho apresentado, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestado no médium Zélio de Moraes, trouxe algumas normas que são aplicadas até os dias atuais nos terreiros de Umbanda. Que é o uso da roupa branca, o trabalho gratuito e a prática da caridade. Na tenda Nossa Senhora da Piedade, não se utiliza as palmas ritmadas e nem o uso dos atabaques, no entanto com o passar do tempo, tendas filhas, da tenda de Zélio de Moraes, passaram a inserir estes elementos.

Além das características já destacadas anteriormente, na Umbanda existe o culto aos Orixás, que são as qualidades de Olorum (Deus), manifestadas nas forças da natureza, uma herança bem forte da matriz africana. E cultuam a ancestralidade através das entidades que são espíritos desencarnados, que se manifestam durante as giras para trazer orientações e cura. Estas entidades são divididas em linhas de trabalho como caboclos, pretos velhos, marinheiros, baianos, ciganos, boiadeiros, ibejada, Exu, pombo giras, entre outras. As sessões são gratuitas e o foco é a prática da caridade.

Como a Umbanda foi fundada por um jovem branco, com influências católicas, é possível identificar alguns elementos do catolicismo nas tendas de Umbanda, muitas das tendas no início possuíam nomes de santos católicos; dentro das tendas um dos elementos mais notáveis é a presença de santos católicos no congá (espécie de altar). Isto ocorre devido ao sincretismo ou melhor o resinificado que foi dado as imagens católicas no período de colonização do Brasil, em que os povos negros escravizados, proibidos de cultuar seus Orixás, utilizavam de imagens de santos católicos que possuíam características semelhantes aos orixás, para a manifestação de sua fé. Por um exemplo temos São Jorge, que após o processo de ressignificação, para os partícipes umbandistas ele é Ogum, orixá da guerra, da lei e dos caminhos. Além de muitos outros elementos que podemos encontrar.

As entidades trouxeram para a ritualística umbandista diversos elementos da matriz ameríndia e africana, como o conhecimento sobre as ervas, a musicalidade, as oferendas, e entre muitos outros conhecimentos. Dentro dos trabalhos espirituais, encontramos o corpo mediúnico, que são pessoas que a partir de sua mediunidade, estão para ajudar os consulentes, que são as pessoas que buscam ajuda e

orientações. Os terreiros de umbanda em sua maioria estão localizados em regiões periféricas e com isso acaba atendendo um público de baixa renda, mas por ter se tornado uma religião muito popular, também encontramos terreiros, com um público de classe média.

Como a base da Umbanda é a prática da caridade, também é comum encontrar nos terreiros, projetos de auxílio à comunidade, como entrega de cestas básicas, doações de roupas, entre outros. Contudo entende-se que a umbanda é uma religião afro-brasileira, que possui como fundamento a prática da caridade e o cuidado ao próximo. Tornando suas tendas um local importante para a comunidade em que está inserida, então é de suma importância compreender como a pandemia afetou as tendas umbandistas e seus partícipes.

Umbanda e a Covid-19

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emite um alerta para uma nova cepa na província de Hubei, na República Popular da China, não demorou muito para que esse novo coronavírus se espalhasse no Brasil e chegasse a todos. O medo era uma das questões que afetam os brasileiros. Recordo de gente se desesperando nos mercados, nas ruas e até em casa. O coronavírus era um inimigo invisível. No Brasil já foram mais de seiscentas mil mortes, os casos continuam mesmo apesar das vacinas.

Como fica a Umbanda no meio dessa situação? Não só a Umbanda, mas, as religiões afro-brasileiras passaram por diversas mudanças por conta da Covid-19. Com base no artigo escrito por Sonia Regina Corrêa Lages e Raquel Toretti Scotton: *Os Sentidos da Pandemia do Covid19 para as Comunidades Tradicionais de Matriz Africana* (2021), entende-se que a religiosidade tem questões fundamentais para reflexão e busca por respostas, para questões sobre a existência humana. Além disso, as religiões afro-brasileiras se transformaram em uma espécie de “pronto socorro” que procurou ajudar pessoas que estavam desacreditadas com a medicina acadêmica.

Vagner Felix da Silva e Deborah Terezinha Conceição, escreveram o artigo *Terreiros em Tempos e Pandemia: Os desafios enfrentados pelas lideranças do Rio de Janeiro* (2020), este artigo apresenta alguns dados do IBGE e nos traz uma visão geral dos problemas financeiros dos terreiros.

Segundo o IBGE, cerca de 0,3% da população brasileira é adepta ao Candomblé ou a Umbanda, isto significa que não só centenas de sacerdotes e sacerdotisas ficaram sem renda, mas que também centenas de pessoas deixaram de ser assistidas por estes templos, que promovem um importante papel social na comunidade ao seu entorno. Muitos terreiros contam atualmente com os auxílios disponibilizados através de políticas municipais, estaduais e federais ou até mesmo com doações organizadas por associações não governamentais e representantes da sociedade civil, para desenvolver seus trabalhos sociais ou até mesmo para garantir a própria sobrevivência. (SILVA e CONCEIÇÃO, 2020 p.226).

Para além dessa análise de Silva e Conceição, com as dificuldades financeiras dos terreiros que vivem de doações, parte da população brasileira passou a ter dificuldade de ser assistida por seus terreiros de Umbanda. No entanto, muitos dirigentes espirituais adaptaram seus trabalhos, para que assim conseguissem dar atenção para seus partícipes.

Muitos seguiram as orientações de biossegurança, começaram a usar luvas, gel hidroalcolico, sobretudo o uso obrigatório de máscaras e limite de pessoas no espaço fechado readaptando os trabalhos espirituais. Quando não havia possibilidade de abrir as portas, esses terreiros utilizavam meios virtuais de comunicação para compartilhar informações com as/os adeptos/as.

Como sou partícipe umbandista, acompanhei dois terreiros neste período pandêmico, o dos meus pais, a Tenda de Umbanda Pai Joaquim D'Angola e Exú Tiriri, em Limeira/SP. E a Tenda Espírita de Umbanda Luz de Aruanda do Renascer (TEULAR), em Amambaí/MS.

Em Limeira/SP, logo quando houve o alerta sobre o coronavírus e sua grande capacidade de contaminação, meus pais decidiram suspender os trabalhos espirituais e as atividades do terreiro. Quando a onda de contágio diminuiu, os trabalhos retornaram, porém com algumas regras, como o uso de álcool em gel, uso de máscaras, distanciamento, aferição de temperatura e limite de pessoas por dia de trabalho. Algo que foi muito difícil, pois estávamos acostumados com a casa cheia.

Cheguei a ir visitar minha família em Limeira neste período, e confesso que foi realmente difícil, estar em uma gira de Preto Velho e não poder dar um abraço na entidade. Porém naquele momento infelizmente era preciso o distanciamento para preservar a saúde de todos. Meu pai seguiu as orientações no estado de São Paulo, para adaptar o terreiro a este contexto.

No TEULAR, em Amambaí/MS tive a oportunidade de ir mais vezes, o terreiro seguiu os decretos municipais, que conforme o estágio da onda de contaminação,

permitia ou não o funcionamento de templos religiosos. A tenda colocou a obrigatoriedade de uso de álcool em gel, máscara e distanciamento, além de solicitar que as assistências, agendassem com antecedência para o controle do número de pessoas.

Tanto o TEULAR, quanto a Tenda de Umbanda Pai Joaquim D'Angola e Exú Tiriri, buscaram manter os trabalhos sociais como a entrega de cestas básicas e marmiteix, para pessoas em situação de vulnerabilidade em Limeira -SP. E a entrega da sopa todos os sábados, para as famílias carentes em Amambai-MS.

Lages e Scotton fizeram uma análise sobre as novas formas de cuidados exercidas pelas comunidades tradicionais de matrizes africanas. Nessa pesquisa as autoras analisam vídeos e postagens de páginas e de líderes religiosos.⁵

Nestas postagens, é possível encontrar mensagens com conselhos de preservação da vida, mensagens essas que muitas das vezes são orientações da espiritualidade, que acabam auxiliando os envolvidos a enfrentar o contexto pandêmico. Segundo Lages e Scotton, a utilização das redes sociais pelas comunidades religiosas afro-brasileiras, é mais uma forma de resistência. Outras plataformas digitais que foram utilizadas, foram os e-mails e WhatsApp. Os/as adeptos/as de Umbanda, entravam em contato com os líderes religiosos por essas plataformas em busca de conselhos e colocando seus nomes e de seus familiares em orações.

É de suma importância compreender que a Umbanda cumpriu um papel extremamente importante para os seus participantes durante a pandemia, tendo em vista o processo de cuidado e cura.

Durante a pandemia, as religiões afro-brasileiras, continuaram sendo alvo de intolerância religiosa. A notícia da Folha De São Paulo, edição do dia 4 de novembro de 2020⁶, mostra o aumento da intolerância religiosa, relatando casos como o ataque ao busto de Mãe Gilda, na Bahia, onde o sujeito atirou pedras e vidros, dizendo que em nome de Deus ele precisava destruir a imagem. A reportagem também mostra a dificuldade das pessoas em denunciar os atos de intolerância religiosa em tempos pandêmicos.

⁵ <https://www.vagalume.com.br/martinho-da-vila/obaluae.html>

⁶ [O que é a Covid-19? — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br)

O Brasil é um país laico, no entanto as religiões afro-brasileiras são as maiores vítimas de intolerância religiosa no Brasil. Isso é consequência do processo de colonização do Brasil, que transformou povos nativos (indígenas) em mão-de-obra escrava nos primeiros anos de chegada dos portugueses, em seguida viram no tráfico de africanos um comércio extremamente lucrativo, como podemos constatar na obra *Em costas negras. Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Brasil* (1997), do pesquisador Manolo Florentino.

De acordo com o historiador Luiz Felipe de Alencastro (2018), o tráfico de escravos sustentou a organização social e econômica de exploração da colônia. O autor afirma abertamente, que o processo de colonização trouxe marcas profundas para o Brasil, que ainda estão refletidas em nossa sociedade. O racismo que atinge a população afro-brasileira e povos indígenas é um exemplo legítimo.

A intolerância religiosa vivenciada pelos povos de terreiro, também tem suas raízes calcadas neste contexto de colonização portuguesa, que utilizou a religiosidade cristã, como instrumento de controle e dominação dos corpos africanos e indígenas para consolidar o projeto de colonização. Em outras palavras, o cristianismo para se firmar em territórios brasileiros transformou as outras cosmovisões em algo profano (ELIADE, 1992).

Apesar de tudo, os terreiros de Umbanda resistiram à pandemia causada pelo vírus da Covid-19 e, seus participantes buscaram forças nas entidades e no orixá Obaluaiê, que é a divindade da cura e da doença. No próximo subtítulo, vamos nos dedicar a apresentar um pouco da história e da mitologia sobre Obaluaiê, orixá extremamente importante para os/as adeptos/as das religiões afro-brasileiras.

Obaluaiê: orixá da cura e da doença

É Obaluaiê, é Obaluaiê, É Atotô, é Obaluaiê, é Obaluaiê /Se você está sofrendo/No leito ou com frio e com dor/ Com pipoca e com dendê/Muita gente ele curou./Se seu corpo está ferido, /E não pode mais suportar./Peça proteção á ele,/Que ele vai lhe ajudar!/Obaluaiê!/ É Obaluaiê, é Obaluaiê, É Atotô, é Obaluaiê, é Obaluaiê/Tem segredo da vida,/Do começo e do fim./O meu senhor, das palhas,/Tenha muito dó de mim. /Na procissão das

almas, /Que partem pro infinito. /Ele vai mostrando á elas, /Outro mundo mais bonito! /Obaluaiê!⁷.

A canção acima, é um ponto cantado, parte da musicalidade que está presente na Umbanda, pois além dos cânticos, pode-se encontrar o som dos atabaques, palmas e muitos outros instrumentos. Porém dentro da cosmologia umbandista, os cânticos são mais do que uma música. Rivas Neto (2012, p.120) afirma que “Os cânticos são as rezas cantadas e propiciam várias forças da natureza. É a trilha sonora pela qual se desenvolve o ritual.”

Tendo em vista a afirmação de Neto, o ponto cantado que foi apresentado, é uma reza dedicada ao orixá Obaluaiê, o ponto mostra a importância deste orixá para os partícipes umbandistas, que procuram a cura. Para uma maior compreensão sobre este orixá, vou apresentar duas lendas que são apresentadas no livro “Candomblé – Um caminho para o conhecimento”, de Eduardo de Lascio, também conhecido por Eduardo de Oxalá. O autor é babalorixá, busca através deste livro fornece importantes dados para entendermos as características psicológicas dos orixás e de seus/suas filhos/as. Utilizando para isso o recurso das lendas e oferendas propiciatórias.

A primeira lenda que nos deparamos no livro de Lascio é sobre o nascimento de Obaluaiê:

Nanan, esposa de Oxalá, gerou e deu à luz a um filho. Sua criação não foi perfeita, nascendo uma criança doente, com muitas chagas recobrando seu pequeno corpo. Ela não conseguia imaginar que maldição era aquela, que trouxe de suas entranhas uma criatura tão infeliz! Sentindo-se impossibilitada de cuidar daquela criança, pois mal conseguia olhar para ela, resolveu deixá-la perto do mar. Se a morte a levasse seria melhor para todos. Yemonjá, que estava saindo do mar, viu aquele pequeno ser deitado nas areias da praia. Ficou olhando por algum tempo, para ver se havia alguém tomando conta dele, mas ninguém aparecia. Então, a grande divindade das águas foi ver o que estava acontecendo. Quando chegou mais perto, pôde compreender que aquela criança tinha sido abandonada por estar gravemente enferma. Sentindo uma imensa compaixão por aquela pobre criatura, não pensou em mais nada, a não ser em adotá-lo como a um filho. (LASCIO, 2000, p.137-138).

Assim como podemos ver na primeira lenda apresentada, Obaluaiê nasceu com uma doença, sendo negado por sua mãe biológica e adotado por Yemonjá. Ao decorrer desta lenda, o autor nos mostra que Yemonjá cuidou de Obaluaiê e, para que suas feridas

⁷ <https://covid.saude.gov.br/>

pudessem cicatrizar, Yemonjá vestiu o menino com uma roupagem feita de palhas. Nota-se que o ponto cantado relata algumas características presentes na cosmologia de Obaluaiê, sendo essas, a relação do orixá com a doença e, sua roupagem, que além de ajudar no processo de cura das chagas também guardava os mistérios de Obaluaiê:

Oyá, certa vez, o encarou, pedindo que descobrisse, pois queria desvendar, de uma vez por todas, aquele mistério. Obaluyê, sem lhe dar a menor atenção, negou-se a fazê-lo. Ela que nunca se deu por vencida, resolveu enfrentá-lo. Usando toda sua força, evocou o vento, fazendo voar as palhas que o protegiam. Quando a poeira assentou, Oyá pode ver um ser de uma beleza tão radiante, que só poderia ser comparado ao sol. Nem mesmo ela como orixá, conseguia erguer os olhos para ele. Assim, todos entenderam que aquele mistério deveria continuar escondido. (LASCIO,2000, p.138).

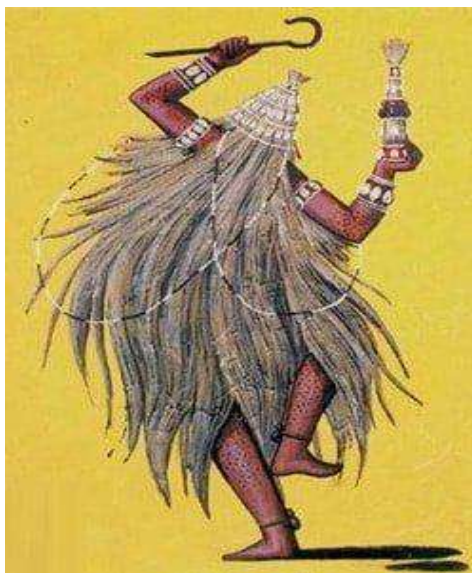


Figura 1 :Retrato do Orixá Obaluaiê, com seu cajado e seu xaxará em mãos.

<https://images.app.goo.gl/m69jdHnpmbXQcKpc7>

Dentro dos terreiros de Umbanda, o orixá Obaluaiê é extremamente respeitado por carregar os mistérios da vida, da cura e da doença. Em uma outra lenda, apresentada pelo autor, Obaluaiê andava pela terra e, ao se deparar com a humanidade em guerra por questões materiais, não dando o devido valor à vida, ficou indignado. Pois Olorum, o grande criador, havia criado a terra para todos e não fazia sentido brigar por território. Com isso, Obaluaiê riscou com seu cajado um grande círculo no centro da guerra, e todo guerreiro que passasse pelo círculo estaria contaminado por uma doença. Esse feito, causou epidemias, que impactou drasticamente na vida das populações envolvidas, por fim, colocando fim às guerras. Lascio continua a contar a lenda.

Um babalawô revelou o mau presságio, pedindo a todos que refletissem sobre o que estava acontecendo, por culpa deles próprios. Obaluayê havia mandado essas mazelas para a terra, a fim de mostrar que, enquanto temos saúde e uma vida plena, não devemos nos preocupar excessivamente com coisas materiais. Desta vida nada se leva, a não ser o conhecimento e a experiência que acumulamos. Assim, os que aceitaram esses desígnios e fizeram oferendas, conforme explicou o babalawô, conseguiram livrar-se de suas enfermidades e restabelecer sua dignidade. Mas, infelizmente, nem todos agiram assim. (LASCIO, 2000, p.139).

A cientista social Violeta Maria De Siqueira Holanda, autora da tese, *“Obaluaiê: um estudo sobre o estigma no convívio com o HIV/Aids em terreiros de Umbanda na cidade de Fortaleza-Ceará.”* (201), afirma:

A lenda de Obaluaiê inspira uma situação limite entre a vida e a morte, o abandono e o cuidado, o restabelecimento a partir do fortalecimento do sujeito diante de seus pares, enfim, trata-se da formação de um arquétipo em conflito, que traz à tona elementos como proteção e generosidade, mas também intolerância e medo em virtude da “peste”. (HOLANDA, 2013 p.270).

Por mais que sua tese o foco não seja o orixá Obaluaiê, a autora consegue trazer grande parte da força e complexidade deste orixá. Obaluaiê é o senhor da terra, é nela que se esconde todos os mistérios, está ligado às árvores e aos espíritos que as habitam (LASCIO, 2000). Dentro de seus símbolos encontramos o *Xaxará* que é feito com a palha extraída da folha da palmeira nova. Outro símbolo é um longo cajado que possui três cabaças que contém os segredos da criação. Pode-se encontrar estas cabaças em oferendas que são feitas a este orixá. Assim como mostra a imagem abaixo:



Figura 2- Oferenda destinada ao orixá Obaluaiê, realizada no Instituto Cultural Confraria dos Pretos Velhos de Umbanda em Limeira-SP

Nesta oferenda, identificamos três cabaças e dentro de cada uma delas existe um elemento. Na primeira é colocada água, que representa a pureza e o espírito; na segunda está o azeite de dendê, que representa o ejé ou menga (o sangue); na terceira é colocado o mel, que representa fortalecimento, sustentação e medicamento. Além de conter na oferenda a pipoca, feita no azeite de dendê e o coco fatiado. As cores da vela deste orixá, utilizada na Umbanda é a preta e amarela.

Na Umbanda a força deste orixá é manifestada através das entidades que realizam o trabalho de cura. Essas entidades são espíritos que já desencarnaram e que se manifestam durante os rituais, para trazer o amparo para aqueles/as que precisam. Estes espíritos irão assumir algumas representações, como o de Preto-velho, Baiano, Caboclo. Cada um destes espíritos, vão trabalhar para ajudar o próximo, assim como é colocado pela cosmogonia da Umbanda apresentada brevemente no início desse artigo.

Com amor, fé e caridade. Sobretudo, os trabalhos de cura realizados nas giras, utilizam de elementos da natureza para produzir remédios tanto para o espírito, quanto para a matéria. Os processos de cura dentro dos terreiros, possuem uma grade diferença da cura medicinal eurocêntrica. Holanda, em sua pesquisa de doutorado reflete sobre este ponto:

É neste sentido que o campo religioso afro-brasileiro propõe formas de cuidado com a saúde que foram inferiorizadas e negadas pela cosmovisão dualista do ser humano que o entende como sendo formado por mente e corpo, descartando a espiritualidade, a subjetividade e a identidade como elementos estreitamente ligados à saúde e à doença. A saúde, compreendida a partir da afroperspectividade, compreende as religiosidades de matriz africana como um sistema religioso terapêutico que contribui para com a saúde mental e física dos filhos de santo. O corpo aqui é a morada das divindades, ele é o responsável pelo diálogo com os orixás, com as entidades espirituais, e isto é possível através da incorporação quando é abolida a distância entre o Ayê, mundo dos seres humanos e o Orum, o lugar onde habitam os orixás.” (HOLANDA, 2013 p. 261).

Tendo em vista que a cosmovisão umbandista, não é dualista e sim, acredita em corpo, mente e espírito. Compreendemos que para o processo de cura dentro dos rituais umbandistas buscam o tratamento para a mente, corpo e espírito. Ao contrário do que ocorre com a medicina eurocêntrica, que não valida tratamentos espirituais, o tratamento de cura realizado nos terreiros de Umbanda não é isolado, valorizam e trabalham simultaneamente com a medicina eurocêntrica. Lages e Scotton, vão realizar a seguinte reflexão sobre o orixá Obaluaiê.

Ele é representado com um corpo coberto de palhas, e está associado a todas as doenças físicas e mentais, e às epidemias. Mas não é Obaluaiê que traz as doenças, a epidemia. São os seres humanos que não cuidando de si mesmos, do coletivo, do planeta é que provocam a ira do orixá. Mas Obaluaiê é o curador ferido, o sofrimento do orixá se transformou em sabedoria, e essa sabedoria está ao alcance dos seres humanos, do Ayê.” (LAGES; SCOTTON, 2021 p. 268).

Assim, como destacado, o orixá Obaluaiê está ligado às doenças, porém não é ele o responsável por elas, mas sim os seres humanos. Para os partícipes das religiões afro-brasileiras, a pandemia causada pela Covid-19 é o resultado da negligência do ser humano com o coletivo, com a natureza e com o planeta. Na luta para enfrentar este vírus, os/as umbandistas buscaram a sabedoria das entidades e sobretudo a energia do orixá Obaluaiê.

Traçando caminhos de resistência durante a pandemia

Para compreender quais foram as práticas de resistências dos terreiros de Umbanda durante a pandemia, foi realizado um questionário via *Google Forms*, em que os líderes espirituais responderam seis questões sobre os dados do dirigente e da tenda de Umbanda e, outras 10 questões sobre a pandemia causada pela Covid-19. Este questionário foi realizado no ano de 2021 e obteve o total de 30 respostas, o questionário foi divulgado através das redes sociais, como *Facebook* e *WhatsApp*. A maior parte das respostas são do Estado de São Paulo, divididas entre oito municípios do interior do Estado que são: Campinas; Limeira, Nova Odessa, Valinhos, Indaiatuba, Americana, Piracicaba, Presidente Epitácio; e três municípios da região metropolitana Carapicuíba, São Paulo e Guararema. Também obtive uma resposta do município de Camaçari-BH, localizado a 50km da capital Salvador.

Uma das perguntas realizadas no questionário foi: O terreiro suspendeu suas atividades espirituais devido a pandemia? Nesta questão 26 (vinte e seis) terreiros de Umbanda, responderam que sim, apenas 4 (quatro) responderam que não. Assim como mostra o gráfico emitido pelo *Google Forms*:

O terreiro suspendeu suas atividades espirituais devido a pandemia?

30 respostas

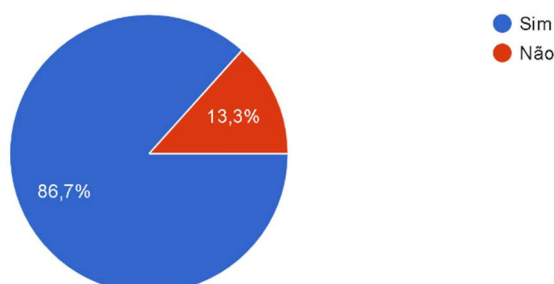


Imagem 3: Gráfico número 1

Aos terreiros que responderam ao questionário, também foi perguntado se foi necessário implementar medidas de biossegurança para o funcionamento? Se sim, quais foram? Estes terreiros em algum momento precisaram realizar atividades e, para funcionarem, foram implementados os procedimentos de segurança como álcool em gel, distanciamento e o uso de máscaras. Até mesmo os terreiros que estavam com suas atividades suspensas, fizeram suas adaptações, seguindo as normas de biossegurança. Segue algumas respostas:

Sim. Adotamos um protocolo de segurança criado pela Diretoria de Saúde de nosso instituto, baseado no protocolo de segurança do Governo do Estado de São Paulo voltado a entidades religiosas. Ambos em anexo. (Pai Evandro Fernandes da Tenda de Umbanda Pai Joaquim D'Angola e Exú Tiriri, Limeira-SP).

Sim. Quando foi liberado a abertura respeitamos todas as medidas de prevenção e abrimos inicialmente apenas para médiuns da casa e quando foi possível reduzimos a assistência conforme orientação do governo. Hoje só atendemos médiuns devido a restrição e a fase vermelha a noite. (Mãe Marcia Chiqueto da Casa de Caridade Aldeia da Cabocla Jurema, Americana-SP).

As respostas destacadas, mostram as preocupações que nortearam os terreiros de Umbanda, mostra que se procuram seguir as orientações dos municípios e estados. Pai Evandro, destaca o protocolo que foi produzido pelo governo do estado de São Paulo, este protocolo buscou atender todas as matrizes religiosas. Mãe Marcia, mostrou como a pandemia modificou a rotina dos terreiros, pois em alguns momentos não era possível os atendimentos devido às fases de pico de transmissão. Ao questionar os líderes religiosos, sobre a gravidade da pandemia, encontramos respostas como “grave”, “seríssima”, definindo-a como “um caos”. Estas respostas

retrataram as preocupações destes líderes e o sentimento de muitas pessoas da sociedade perante o vírus.

Sobre a situação financeira dos terreiros de Umbanda, nota que 26,7% precisaram conter os gastos, pois houve uma diminuição das doações. Entretanto, a maioria respondeu não precisar conter gastos ou fechar a casa, pois conseguiram se manter com as doações e mensalidades dos médiuns.

Sabemos que em sua maioria, os terreiros, subsistem através da mensalidade dos médiuns e de doações espontâneas de seus frequentadores. S...e contenção de despesas para manter a mesma?

30 respostas

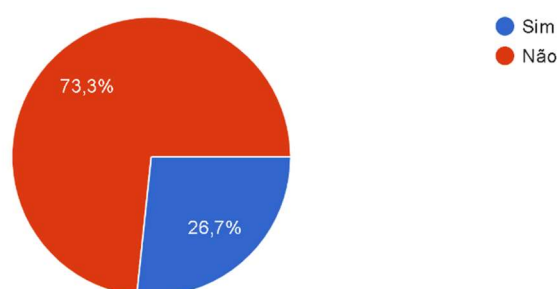


Imagem 4: Gráfico número 2

Os terreiros também relataram alguns enfrentamentos como a dificuldade em lidar com os partícipes, em fazer com que eles compreendessem a suspensão das giras e respeitassem as normas de biossegurança, além do impedimento em atender aqueles que buscavam ajuda, relataram a saudade dos trabalhos de incorporação tanto dos/as médiuns, quanto das pessoas que eram cuidadas pelas entidades. Precisaram readaptar suas formas de cuidado. Houve também relatos, que mostram a demanda dos partícipes e médiuns com a saúde mental abalada. Segue três relatos:

O distanciamento e as consequências desse distanciamento. Principalmente de pessoas com problemas de vícios e depressão. Essas pessoas sentiram muito a falta do contato e orientações/amparo das entidades. Procuramos dar alguma atenção da melhor forma possível. Também o cancelamento dos ritos externos na cachoeira e no mar (Oxum e Yemanjá). O contato com a natureza e a renovação de energias proporcionada nesses ritos sempre são muito importantes para o equilíbrio e desenvolvimento mediúnico dentro da nossa doutrina. (Pai Evandro Fernandes da Tenda de Umbanda Pai Joaquim D'Angola e Exú Tiriri, Limeira-SP).

Acredito que falar não para alguns consulentes que pedem para participarem da gira. Nesse momento, percebi o quanto somos importantes nas vidas das pessoas, e que precisamos aprender mais, e doar mais o amor, a fé e caridade. Pq somos importantes para muitos. (Pai Eduardo Santos, Templo de Umbanda Caboclo Flecheiro da Mata, Limeira-SP).

O cuidado com todos mesmo com o isolamento social, depressão, transtorno da ansiedade, Síndrome do pânico, acolher da melhor forma os que vivem em zona de vulnerabilidade. (Pai Juarez Soares, Centro de Umbanda do Caboclo Sultão das Matas, Camaçari-BH).

Ainda, os/as líderes espirituais, relataram que as entidades compreenderam o contexto pandêmico e orientaram os partícipes a seguirem as orientações de biossegurança, além de terem fé e paciência.

Além deste questionário realizado com os/as líderes religiosos/as foi feito um questionário com o Babalaô Ronaldo Antônio Linares. Pai Ronaldo frequentou o Candomblé sendo filho de santo do famoso Joãozinho da Goméia. Mais adiante em sua vida, se converteu à Umbanda.

Pai Ronaldo trabalhou como jornalista e radialista; é autor de três livros: Jogo de Búzios (Madras, 2008); Memórias da Umbanda do Brasil (Ícone, 2011) e Iniciação à Umbanda (Madras, 2017) estes dois últimos em parcerias com outros escritores. Pai Ronaldo, é uma das pessoas mais importantes para a Umbanda, teve a oportunidade de conhecer Pai Zélio Fernandino de Moraes e fundou A Casa de Pai Benedito de Aruanda em São Caetano do Sul, nos anos de 1960 e o Santuário Nacional da Umbanda (SANU).

O SANU⁸ faz parte da Reserva Ecológica da Serra do Mar, que antes disso era uma área utilizada pela Pedreira Montanhão, que encerrou seus trabalhos na década de 1960. O Babalaô Ronaldo Linares já utilizava o espaço para suas práticas religiosas e viu ali uma oportunidade de transformá-lo num local sagrado para todos os partícipes das religiões afro-brasileiras.

⁸ Desde 21 de dezembro de 2019, o Santuário Nacional da Umbanda, de Santo André, é registrado como patrimônio cultural imaterial, após decisão do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT). O registro foi homologado pelo Secretário de Cultura e Economia Criativa, Sérgio Sá Leitão. O SANU, é espaço histórico de importante relevância cultural e religiosa, fazendo parte da memória e da história do estado de São Paulo.



Imagem 5: <https://santuariodeumbanda.com.br/site/santuario-nacional-da-umbanda/historia/>

Este questionário foi encaminhado neste ano de 2022 e ele buscou responder quais foram os desafios do SANU durante a pandemia. Foram feitas sete perguntas referente ao SANU e uma pergunta sobre a importância do orixá Obaluaiê no contexto pandêmico.

Antes da pandemia o SANU era frequentado por cerca de 2000 pessoas, em março de 2019, atendendo as solicitações sanitárias nacionais, o Santuário fechou a portaria e não houve frequência durante 8 meses. Tendo em vista que o Santuário é um organismo vivo e não podia deixar de haver alguns cuidados, os funcionários cuidavam do espaço de terça à sexta-feira. Durante o processo de reabertura do espaço, SANU atendeu todas as normas de biossegurança. Um outro ponto importante é que o SANU durante a pandemia, precisou reduzir os custos, se mantendo assim com o recurso do Governo Federal e com a campanha "Doe SANU".

Tanto os terreiros de Umbanda, quanto o Santuário Nacional da Umbanda, foram diretamente afetados por esta pandemia, assim como todas as instituições religiosas e a sociedade brasileira, porém ambos buscaram alternativas para sobreviverem e se apegaram ainda mais ao plano espiritual, agradecendo aos orixás

e as entidades. Afirmando isto, pois em muitas das questões do questionário surgiram estes agradecimentos.

Exemplos disso é a resposta do Pai Eduardo Santos, do Templo de Umbanda Caboclo Flecheiro da Mata, que ao ser questionado se no seu terreiro, houve casos positivos de Covid-19? Ele respondeu: “Graças aos sagrados nenhum caso, nem de positivo, e muito menos fatal. Em nome de Deus e Obaluaiê, não teremos.”. Pai Carlos Roberto Rodrigues Soares, da Tenda de Umbanda Caridade, Paz, Amor do Pai Joaquim de Angola, em Campinas-SP, também expressou seus agradecimentos, “Graças a Zambi, não houve nenhum caso.”

Para a conclusão do questionário direcionado aos líderes espirituais, perguntei para eles como imaginariam o fim da pandemia e a volta dos trabalhos espirituais? O que traremos como aprendizado? Durante as respostas as lideranças de terreiros, responderam que para aqueles/as que seguem a cosmogonia umbandista o apego à espiritualidade é a base de tudo.

Gostaria muito que estivéssemos todos vacinados. Poder abraçar a todos novamente. Ver, sentir e ouvir a Curimba o som dos atabaques com o canto e o Axé dos Orixás e Guias. Este vírus mostrou e deixou claro o quanto o contato físico com as pessoas é muito valioso. Mas também revelou atitudes perversas e ignorantes de algumas pessoas que não esperávamos, muito triste. Faltou paciência, empatia e valor a vida. Chorei calado... Muitas vezes. Gostaria muito que cada um neste planeta de valor a vida e se não foi pedir muito a união entre as religiões Afro. É luta para nossa existência neste país. É o nosso desafio após a pandemia. Este governo, esta política está destruindo a nossa história a nossa origem. (Pai João Paulo Vitirelli, do Terreiro de Umbanda Caboclo Guiné- Casa do Pedrinho, Limeira-SP).

Será uma grande alegria poder voltar às giras públicas. O cuidar de si, viver a espiritualidade de dentro pra fora. Fortalecer nosso templo vivo. Valorizar mais os espaços sagrados e o tempo que podemos nos dedicar a ele. Respeitar e preservar a natureza. Cuidar, ouvir e valorizar os nossos mais velhos. Dedicar mais tempo e atenção aos nossos filhos e familiares (Pai Evandro Fernandes e Mãe Zilda Fernandes, da Tenda de Umbanda Pai Joaquim D'Angola e Exú Tiriri, Limeira-SP).

Imagino que voltaremos diferentes, dando mais valor a coisas pequenas que antes passavam despercebidas, como o respeito, empatia para com o próximo. Aprendemos que nosso templo não se faz com alvenaria, e sim com nosso coração, que nosso templo somos nós, basta nos ligarmos à espiritualidade.” (Pai Leandro Paulino, da Tenda de Umbanda Zé Pelintra do Morro de Indaiatuba-SP).

As falas apresentadas, reforçam a importância do plano espiritual para os líderes religiosos, falas que demonstram a preocupação com o cuidar da natureza e com o preservar a vida. Uma outra fala importante é a do Pai Evandro Marques de Jesus, do Terreiro de Umbanda Luz e Caridade de Campinas-SP, que deposita sua fé em Oxalá e Obaluaiê

Perguntei ao Pai Ronaldo Linares como foi o resultado dos trabalhos de cura, ligados a força do orixá Obaluaiê, para enfrentar a pandemia? E sua resposta foi:

Importantíssimo para cura. Obaluaiê é o médico dos pobres, aquele que também foi acometido por doença muito contagiosa e grave. Obaluaiê é o nosso médico, aquele que nos cura, cura nosso corpo e alma. Mesmo fechada, na CPB foram feitos pedidos, oferendas e velas foram acesas para que Obaluaiê nos permitisse passar pela dificuldade da COVID-19 com saúde e fortalecidos espiritualmente (Babalaô Ronaldo Linares).

Pai Ronaldo ressalta algumas informações que já foram exibidas, como o fato de o orixá Obaluaiê ser considerado o médico dos pobres, o responsável pela cura. Linares também afirma que mesmo com sua casa fechada, foram realizados trabalhos para auxiliar no combate ao Covid-19. Considerando o que apresentamos neste artigo, foi possível confirmar a grande mobilização dos terreiros de Umbanda na luta contra o coronavírus, as práticas de resistência para não perder seus/suas partícipes e sobretudo, para não fechar as portas dos terreiros de forma permanente.

Considerações finais:

A pesquisa possibilitou compreender como a Umbanda, religião afro-brasileira, conduziu seus trabalhos durante o contexto de pandemia. A partir da aplicação dos questionários, foi possível chegar à conclusão que apesar das restrições de contatos pessoais, os terreiros de Umbanda, deram continuidade aos seus trabalhos, buscando alternativas, como: o uso da internet e contatos via WhatsApp e quando houve a oportunidade de funcionamento dos terreiros de Umbanda as tendas buscaram seguir as normas de biossegurança.

Conforme os depoimentos a fé dos/as umbandistas foi fundamental para manter o elo entre os partícipes (aqueles/as que são atendidos/as pelas entidades) e a Tenda de Umbanda.

Para a realização da pesquisa, foram importantes as contribuições de pesquisadores/as e estudiosos/as da Umbanda como Rivas Neto; Diamantino

Trindade, Larges; Scotton; Holanda, Linares, sobretudo, suas reflexões sobre as histórias da religião e que lugar ela ocupa na sociedade. Os questionários aplicados, possibilitaram a coleta de dados e contribuíram para uma melhor apreensão da realidade em que muitas casas de Umbanda vivenciaram a Covid-19.

Trata-se de uma pesquisa inicial, assim, pretendo continuar pesquisando essa temática na pós-graduação, considero importante que outras pesquisas sejam realizadas sobre o tema, para que a história da Umbanda e sua influência na sociedade brasileira, seja assunto de preocupação das Ciências Humanas, além da criação de políticas públicas que contribuam para o desenvolvimento dos trabalhos em todas os terreiros seja de Umbanda, Candomblé, dentre outras denominações religiosas afro-brasileiras.

BIBLIOGRAFIA:

ALENCASTRO, Felipe. África, números do tráfico atlântico. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e Profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras. Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

FERNANDES, C. M.; OLIVEIRA, L. A. de; CAMPOS, M. M. de; COIMBRA, M. R. **A Pós-verdade em tempos de Covid 19: o negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro no Instagram**. Liinc em Revista, [S. l.], v. 16, n. 2, p. e5317, 2020. DOI: 10.18617/liinc.v16i2.5317. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5317>. Acesso em: 13 dez. 2022.

HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira. **Obaluaiê: um estudo sobre o estigma no convívio com o HIV/Aids em terreiros de Umbanda na cidade de Fortaleza-Ceará**. Tese de doutorado defendida no programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

LAGES, Sônia Regina Corrêa; SCOTTON, Raquel Turetti. Os sentidos da pandemia do Covid19 para as comunidades tradicionais de matriz africana. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião-UNICAP**, v. 12, n. 29, p. 257-275, 2021.

LASCIO, Eduardo. **Candomblé: um Caminho para o Conhecimento**. São Paulo: Cristális, 2000.

LINARES, Ronaldo Antonio; TRINDADE, Diamantino Fernandes; COSTA, Wagner Veneziani. **Iniciação à umbanda**. Madras Editora, 2009.

PEREIRA, Réia Sílvia Gonçalves. 28 de maio de 2020 Boletim n. 50-Ciências Sociais e coronavírus.

RIVAS Neto, Francisco. **Escolas das Religiões Afro-Brasileiras**. São Paulo: Arché Editora, 2012.

SÁ JUNIOR, Mário. Teixeira. de. A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda. In: *Revista Eletrônica História Em Reflexão*, 6 (11), 2012.

SARACENI, Rubens. **Os Decanos: Os fundadores, mestres e pioneiros da Umbanda**, São Paulo: Madras, 2000.

SILVA, Vagner Felix da; CONCEIÇÃO, Deborah Terezinha. Terreiros em tempos de pandemia: Os desafios enfrentados pelas lideranças no Rio de Janeiro. **Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial-Três Lagoas/MS**, v. 2, n. 2, p. 222-237, 2020.